



Qual é o propósito do batismo pelos mortos?

“Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?”

1 Coríntios 15:29

O conhecimento

Em 15 de agosto de 1840, o Profeta Joseph Smith estava pregando no funeral de Seymour Brunson. Ao ver uma viúva na congregação que havia perdido recentemente um filho antes que ele pudesse ser batizado, Joseph Smith introduziu uma das doutrinas mais importantes da Restauração: o batismo pelos mortos. Essa ordenança seria o assunto de muitas das revelações, cartas e discursos de Joseph nos meses seguintes, especialmente enquanto o Templo de Nauvoo estava sendo construído.

Como evidência bíblica de que essa ordenança era realizada no cristianismo antigo, Joseph Smith recorreu a 1 Coríntios 15:29: “Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos? Este versículo constitui a única referência explícita a essa ordenança pelos mortos no Novo Testamento, e levou muitos estudiosos modernos a se perguntarem o que Paulo

poderia estar se referindo e se os batismos vicários eram de fato realizados na antiguidade. No entanto, como textos adicionais foram publicados, a maioria dos estudiosos atuais conclui que a interpretação mais clara deste versículo afirma que os primeiros cristãos realmente realizavam ordenanças vicárias pelos mortos.

Por exemplo, após revisar as tentativas de interpretar essa passagem como se referindo a uma metáfora ou a um batismo regular, um estudioso concluiu que “todas as interpretações que pretendem evadir do batismo vicário pelos mortos [...] são enganosas”. Da mesma forma, Reginald St. John Parry observou que “o sentido claro e necessário das palavras implica a existência de uma prática de batismo vicário em Corinto, presumivelmente em favor dos crentes que morreram antes de serem batizados. [...] Muitas tentativas foram feitas para evitar esta conclusão, mas todas à custa de violação da linguagem. [...] Na

verdade, todas essas evasões se devem inteiramente à falta de vontade de admitir tal prática, e ainda mais à referência a ela por São Paulo sem condenação”.

Embora alguns estudiosos possam querer argumentar que Paulo secretamente desaprovava os batismos vicários, nenhuma evidência sustenta essa conclusão em 1 Coríntios, especialmente devido à disposição aberta de Paulo de criticar práticas culturais ou religiosas que iam contra o evangelho de Jesus Cristo, “sugerindo que [o batismo pelos mortos] estava entre as práticas cristãs aceitas”. Nesta epístola magistral aos amigos com quem viveu por um ano e meio, Paulo corrigiu muitas crenças e práticas incorretas que haviam se infiltrado no ramo incipiente da Igreja ali, incluindo algumas crenças incorretas sobre a Ressurreição. Paulo enfatizou que, como Cristo, todos seriam ressuscitados em um reino de glória. Neste contexto, Paulo está usando o batismo pelos mortos para fortalecer seu argumento a favor da ressurreição dos mortos, demonstrando que ele entendia e aprovava a prática. O batismo continua sendo um requisito para entrar no reino dos céus (ver João 3:5), e aqueles que morreram incapazes de receber essa ordenança dependem de pessoas vivas para realizar essas ordenanças como seus representantes.

Evidências limitadas de outros textos cristãos primitivos também fazem alusão ao batismo pelos mortos. Por exemplo, em Apocalipse de Pedro, o Senhor declarou a respeito dos mortos: “Darei aos meus chamados e aos meus escolhidos o que me pedirem fora do castigo. E eu lhes darei um belo batismo de salvação [...] uma participação na justiça com meus santos”. Em outras palavras, os santos justos poderiam solicitar que a salvação fosse compartilhada com os pecadores mortos, que seriam salvos pelo batismo. Da mesma forma, o texto Pastor de Hermas, que foi escrito apenas cerca de quarenta anos após Paulo ter escrito 1 Coríntios e continha muitas citações das primeiras escrituras cristãs, descreve como “os apóstolos e mestres que pregaram o nome do Filho de Deus” pregando o Evangelho aos vivos e aos mortos. Além disso, esses mesmos apóstolos e mestres “desceram com [os mortos] à água e subiram novamente. Estes, porém, desceram vivos e ressuscitaram vivos, ao passo que os que anteriormente haviam adormecido desceram mortos, mas ressuscitaram vivos”. Da mesma forma, John A. Tvedtnes apontou que os batismos pelos mortos

desempenharam um papel importante nos textos e ordenanças da Igreja Ortodoxa Copta.

A prática pode ter sido mais difundida do que as evidências limitadas disponíveis atualmente sugerem, pois os cristãos geralmente não descreviam nenhuma de suas ordenanças em profundidade nos dois primeiros séculos, mantendo as informações guardadas de forma sagrada. Aparentemente, esse é o caso específico das ordenanças realizadas em favor dos mortos. David L. Paulsen e Brock M. Mason observaram que “quase todos os textos que alegam conter ensinamentos de Cristo a respeito da salvação para os mortos enfatizam que seus ensinamentos eram bem guardados, reservados apenas para aqueles que o Senhor considerava dignos de ouvi-los”. O silêncio sagrado colocado sobre essa doutrina e essas ordenanças, portanto, limita o material de origem disponível para os pesquisadores modernos estudarem.

Quando Clemente, como investigador, perguntou a Pedro: “Se aqueles a quem sua vinda achar justos desfrutarão do reino de Cristo, aqueles que morreram antes de sua vinda serão totalmente privados do reino?” Pedro relutantemente descreveu a natureza sagrada das ordenanças pelos mortos: “Tu me obrigas, ó Clemente, a tocar em coisas indescritíveis. Mas, na medida em que me for permitido declará-las, não me esquivarei de fazê-lo”. De acordo com Hugh Nibley, essa reticência reflete as “ocasiões em que Pedro e outros apóstolos são proibidos de falar de certas coisas” no Novo Testamento. Isso é especialmente evidente na entrega das chaves apostólicas a Pedro, dando-lhe poder sobre as portas do inferno, isto é, o reino dos mortos, durante o qual Jesus “ordenou” a seus apóstolos “para que não a dissessem a ninguém”.

Com o tempo, a prática do batismo pelos mortos passou a ser fortemente associada a seitas heréticas, complicando ainda mais a evidência da prática entre os cristãos tradicionais. Por exemplo, os primeiros teólogos cristãos, como Tertuliano e Ambrosiaster, citaram 1 Coríntios 15:29 como uma referência aos batismos vicários, mas depois tentaram distanciar o cristianismo de tal prática. Essa rejeição posterior foi evidentemente uma resposta às heresias marcionita e cerintiana, uma vez que os fundadores de cada seita são descritos como realizando batismos em favor dos mortos.

Embora alguns detalhes sejam conflitantes com base em relatos existentes hostis a essas seitas, está claro que os batismos pelos mortos ainda eram realizados ao final do século V d.C. embora sem a autoridade do sacerdócio. Ainda que seja tentador rejeitar essa ordenança devido à sua aceitação por seitas heréticas, Scott R. Peterson observou que “existem várias falácias lógicas” em tal abordagem, especialmente no que diz respeito a outras ordenanças, como o sacramento, que também foram aceitas por essas seitas, bem como pela Igreja Ortodoxa.

Referindo-se a esses desenvolvimentos teológicos posteriores, Krister Stendahl, o falecido bispo de Estocolmo, da Igreja da Suécia, observou: “Uma vez que as pressões teológicas de possíveis desenvolvimentos posteriores da prática e da doutrina parecem menos restritivas, o texto [1 Coríntios 15:29] parece falar com clareza suficiente sobre uma prática dentro da Igreja do batismo vicário pelos mortos.” Ou seja, como Peterson observou, não há muitas razões para rejeitar a realidade de uma ordenança cristã tão autêntica simplesmente porque líderes e teólogos da Igreja mais tarde “perderam o senso da importância do rito, enquanto seitas menores [...] continuaram a aceitar a ordenança”.

O porquê

Embora a ordenança seja mencionada apenas brevemente no Novo Testamento, é evidente que os batismos pelos mortos desempenharam um papel importante na antiga teologia cristã, especialmente no que diz respeito à salvação dos mortos, instituída pela pregação de Cristo aos mortos e encorajando-os a aceitar essa oferta de convênio. Assim, essas ordenanças sagradas permitem que todos aceitem o amor e a misericórdia de Deus em suas vidas, dando a todos os que viveram uma oportunidade de aceitar o evangelho de Jesus Cristo por si mesmos, por meio de um convênio que está registrado na Terra e, portanto, ligado ao céu (D&C 127:7; 128:9).

Nos tempos modernos, essa ordenança e a autoridade para realizá-la foram restauradas por meio do Profeta Joseph Smith e são realizadas em templos ao redor do mundo. O batismo e outras ordenanças essenciais e salvadoras são realizadas por aqueles que não puderam ou não quiseram aceitá-las nesta vida, mas que poderão fazê-lo do outro lado do véu para que

também “vivessem segundo Deus em espírito” (1 Pedro 4:6). Ao continuar a adorar no templo e realizar essas ordenanças, temos a certeza de que, como os primeiros cristãos, seremos capazes de permanecer como salvadores no Monte Sião e trazer as bênçãos da Expição de Jesus Cristo a todos os filhos de Deus em ambos os lados do véu.

Leitura complementar

Hugh Nibley, “Baptism for the Dead in Ancient Times”, em *Mormonism and Early Christianity* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), pp. 100–167.

Hugh Nibley, “Two Ways to Remember the Dead”, em *The World and the Prophets* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), pp. 163–171.

Richard D. Draper e Michael D. Rhodes, *Paul’s First Epistle to the Corinthians* (Provo, UT: BYU Studies, 2017), pp. 788–793.

David L. Paulsen e Brock M. Mason, “Baptism for the Dead in Early Christianity”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 19, no. 2 (2010): pp. 22–49.

David L. Paulsen, Kendel J. Christensen e Martin Pulido, “Redeeming the Dead: Tender Mercies, Turning of Hearts, and Restoration of Authority”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 20, no. 1 (2011): pp. 28–51.

Hans A. Pohlsander, review of *Rescue for the Dead: The Posthumous Salvation of Non-Christians in Early Christianity*, por Jeffrey A. Trumbower, *BYU Studies Quarterly* 41, no. 2 (2002): pp. 187–191.

Krister Stendahl, “Baptism for the Dead: Ancient Sources”, in *Encyclopedia of Mormonism*, 4 v., ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: p. 97.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. David L. Paulsen, Kendel J. Christensen y Martin Pulido, “Redeeming the Dead: Tender Mercies, Turning of Hearts, and Restoration of Authority”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 20, no. 1 (2011): p. 41.
2. Doutrina e Convênios 124:29–39, por exemplo, descreve o batismo pelos mortos como uma ordenança especificamente destinada a ser realizada nos templos, apenas para ser realizada fora dos templos

- provisoriamente quando nenhum templo tiver sido construído e conforme autorizado pelo profeta.
3. Este versículo foi citado no sermão de Joseph no funeral de Seymour Brunson, bem como em Doutrina e Convênios 128:16.
 4. Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, 10 v. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983), 1:542n63.
 5. Reginald St. John Parry, *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges: First Epistle to the Corinthians* (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1926), pp. 228–229.
 6. Richard D. Draper e Michael D. Rhodes, *Paul's First Epistle to the Corinthians* (Provo, UT: BYU Studies, 2017), p. 789. Em relação a esse princípio, Paulsen et al., “Baptism for the Dead”, p. 31, nota: “O fato de Paulo não condenar abertamente a prática era, na verdade, um endosso dela. Foi alegado que a falta de condenação de Paulo sobre o assunto é paralela à relutância inicial de Paulo em condenar a prática de comer carne sacrificada aos ídolos (1 Coríntios 8:10). Mas o paralelo é fraco, uma vez que Paulo afirma explicitamente mais tarde na mesma epístola que tal prática é inerentemente errada (1 Coríntios 10:21). Não achamos isso em relação aos batismos pelos mortos.”
 7. *Apocalypse of Peter* 14.
 8. Shepherd of Hermas, *Similitudes* 9.16. A referência aos batismos pelos mortos foi apontada pela pesquisadora, não membro da Igreja de Jesus Cristo, Carolyn Osiek em seu comentário sobre Shepherd. Ela observa: “Esses versículos, sem dizer isso, apresentam um bom argumento a favor do batismo em favor dos mortos, aparentemente já um ato de piedade na Corinto do primeiro século [...] [E]m termos dos mortos pré-cristãos, o problema é [...] que eles praticaram a virtude em suas vidas, mas não receberam o batismo. Por meio dos apóstolos e mestres, esse problema é resolvido.” Carolyn Osiek, *Shepherd of Hermas: A Commentary* (Minneapolis, MN: Fortress, 1999), p. 238. O arcebispo Hilarion Alfeyev, da fé ortodoxa oriental, também observou que esse versículo é frequentemente entendido no contexto de batismos indiretos no Metropolitan Hilarion Alfeyev, *Christ the Conqueror of Hell: The Descent into Hades from an Orthodox Perspective* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 2009), p. 25n33.
 9. Ver John A. Tvedtnes, “Baptism for the Dead in Early Christianity”, in *The Temple in Time and Eternity*, ed. Donald W. Parry e Stephen D. Ricks (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS], 1999), pp. 67–71; John A. Tvedtnes, “Baptism for the Dead: The Coptic Rationale” (artigo apresentado em um simpósio patrocinado pelo L.A. Mayer Memorial Museum of Islamic Art and the Israel Ministry of Education and Culture, Jerusalem, Israel, 5 de junho de 1981). Tvedtnes também aponta que os batismos pelos mortos ainda podem ser praticados entre alguns cristãos coptas hoje (“Baptism for the Dead in Early Christianity”, 68).
 10. Para uma discussão sobre a natureza sagrada dessas ordenanças que merecem tão pouca discussão, ver Barry Robert Bickmore, *Restoring the Ancient Church: Joseph Smith and Early Christianity*, 2nd ed. (Ben Lomond, CA: FAIR, 2013), pp. 158–164.
 11. David L. Paulsen y Brock M. Mason, “Baptism for the Dead in Early Christianity”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 19, no. 2 (2010): p. 39. Ver também Nibley, “Baptism for the Dead”, pp. 113–114. Muitos desses textos fazem parte da chamada literatura dos quarenta dias. Para obter uma visão geral desses primeiros escritos cristãos, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, “O que Jesus poderia ter ensinado a seus apóstolos durante quarenta dias? (Atos 1:3)”, *KnoWhy* 678 (7 de julho de 2023).
 12. *Clementine Recognitions*, 1.52.
 13. Hugh Nibley, “Baptism for the Dead in Ancient Times”, em *Mormonism and Early Christianity*, ed. Todd M. Compton e Stephen D. Ricks (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), p. 104.
 14. Nibley, “Baptism for the Dead”, p. 104. Nibley está citando Lucas 9:21, baseando-se no significado do texto grego para oferecer a tradução atual do texto. Para uma discussão detalhada das portas do inferno neste contexto, ver as páginas 105–109. A ideia de que as portas do inferno se referiam ao poder e domínio de Satanás e que, portanto, Jesus prometeu que a Igreja não seria vencida pela apostasia é uma adição tardia ao texto que seria completamente estranha à Igreja do Novo Testamento.
 15. Para uma discussão dos comentários de Tertuliano e Ambrosiaster, ver Paulsen et al., “Baptism for the Dead”, pp. 31–33. Tertuliano mais tarde retrataria sua declaração sobre batismos vicários em resposta à heresia marcionita, pois eles ainda realizavam batismos pelos mortos e Tertuliano queria distanciar essa seita da ortodoxia o máximo possível.
 16. Embora os santos dos últimos dias acreditem na realização de ordenanças pelos mortos, não devemos nos apressar em concluir, com base em algumas semelhanças, que os ensinamentos de Marcião ou Cerinto estavam mais corretos do que seus contemporâneos simplesmente porque eles mantiveram uma versão dessa prática. Marcião, por exemplo, rejeitou o Velho Testamento e acreditava que Jeová era um demiurgo maligno responsável por aprisionar as almas da humanidade em uma forma material, o que vai contra as verdades do evangelho restaurado. Embora esses dois possam ter mantido algumas verdades que foram amplamente rejeitadas durante suas vidas, eles também se apegaram a muitas doutrinas falsas que, com razão, lhes renderam críticas de outros cristãos.
 17. Para uma discussão sobre a prática marcionita de batismos por procuração, ver Paulsen et al., “Baptism for the Dead”, pp. 39–42. Para uma breve nota sobre a heresia ceríntia, ver Scott R. Peterson, *Do the Mormons Have a Leg to Stand On? A Critical Look at LDS Doctrines in Light of the Bible and the Teachings of the Early Christian Church* (Orem, UT: Millennial Press, 2014), pp. 244–245.
 18. Peterson, *Do the Mormons Have a Leg to Stand On?*, p. 245. Embora essas ordenanças possam ter sido perdidas com o passar do tempo, isso não significa que os cristãos posteriores pararam de se preocupar com seus mortos. As sombras dessa doutrina existem em ritos posteriores realizados para o benefício dos mortos. Para uma discussão sobre como os cristãos posteriores tentaram se lembrar dos mortos, ver as discussões em Catherine Gines Taylor, “Inclining Christian Hearts: Work for the Dead”, em *Ancient Christians: An Introduction for Latter-day Saints*, ed. Jason R. Combs, Mark D. Ellison, Catherine Gines Taylor e Kristian S. Heal (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute, 2022), pp. 395–431; e D. Jill Kirby, “Living in the Afterlife: Heaven, Hell, and Places Between”, em *Ancient Christians*, pp. 392–449.
 19. Krister Stendahl, “Baptism for the Dead: Ancient Sources”, em *Encyclopedia of Mormonism*, 4 v., ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: p. 97.
 - Para outro defensor cristão de que os primeiros cristãos garantiram a salvação de seus entes queridos falecidos, ver Hans A. Pohlsander, *review of Rescue for the Dead: The Posthumous Salvation of Non-Christians in Early Christianity*, por Jeffrey A. Trumbower, *BYU Studies Quarterly* 41, no. 2 (2002): pp. 187–191.
 20. Peterson, *Do the Mormons Have a Leg to Stand On?*, p. 252.
 21. Ver 1 Pedro 3:18–20; 4:6. Para uma discussão sobre como as ordenanças por procuração estão tão intimamente inter-relacionadas com este ministério, ver Nibley, “Baptism for the Dead”, pp. 115–121.